

## A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS - NOS CAMINHOS DA ENCRUZILHADA<sup>1</sup>

Gabriela Nobre Bins,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Gilmar Araujo de Oliveira,

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Daiane Vieira da Silva,

Secretaria Educação Estado de SP (SIGLA)

### RESUMO

*Esse texto é uma reflexão sobre a Educação Física frente ao desafio de um giro epistemológico da área. A partir de uma revisão crítica do histórico eurocêntrico da área de conhecimento refletimos sobre o potencial da mesma para romper com esse histórico e trabalhar as questões étnico raciais e uma educação antirracista. O texto propõe uma aproximação com a pedagogia exúlica para nos caminhos da encruzilhada propiciar a criação de possibilidades de se repensar a Educação Física.*

**PALAVRAS-CHAVE:** educação física 1; pedagogia exúlica 2; giro epistemológico 3.

A educação física carrega em seu histórico grande carga eugenista, militarista, eurocêntrica e colonizadora. Conforme ressalta Rufino (2019) a colonização é uma engenharia de destruir gente, de aniquilar e invisibilizar corpos. Sendo assim, a história da educação física construída com o corpo e as práticas corporais brancas e eurocêntricas como modelo, centradas em um ideal de corporeidade exclui a maior parte da população brasileira.

Neste texto, vislumbrando um giro epistemológico a fim de inserir na área de conhecimento outras epistemologias, buscamos refletir as possibilidades de se produzir encruzilhadas para pensar a área da Educação Física, suas práticas e seus desdobramentos na escola. Pensando sobre como podemos construir o movimento de um caminho para uma educação das relações étnico raciais e para uma Educação Física antirracista.

Entendemos que a área foi sendo construída e pensada com a história dos militares e dos ideais de branqueamento da população como explicitado anteriormente, sendo calcada no

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

controle dos corpos sociais e coletivos, com forte influência eugenista e da medicina e constituindo-se a partir da construção de diferenças entre os corpos e as culturas.

[...] outrora, a Educação Física teve sua importância reconhecida, quando respondia aos objetivos da classe médica, que a utilizou enquanto profilaxia, em uma época na qual culminavam ações concretas contra a circulação dos corpos negros libertos, inaugurando, a partir de então, novas políticas sobre o corpo: a separação entre meninos/meninas, negros/brancos, feios/bonitos (Mattos, 2007, p. 37).

Com um percurso que vem desde o método ginástico alemão chegando à cultura eurocêntrica dos esportes a educação física pouco refletiu sobre as necessidades dos corpos negros e indígenas. É preciso que inspirados pela força do movimento de Exu<sup>2</sup> façamos nossa área pensar e repensar suas práticas e discursos de forma que se construam outras possibilidades, outros fazeres que cruzem essa trajetória. Como afirma Rufino (2019, p. 10) “[...] as nossas sabedorias são de fresta, somos corpos que se erguem dos destroços, dos cacos despedaçados e inventam outras possibilidades no movimento inapreensível da ginga”. Precisamos dessa ginga para pensar esses corpos que estão presentes nas aulas de educação física. Precisamos desse movimento e da incorporação dessa sabedoria de fresta que tem sido silenciada e negada na academia como um todo e mais precisamente em nossa área.

Mesmo esse histórico da Educação Física, acreditamos que ela é uma área muito potente para trabalhar as culturas afro-brasileiras, africanas e indígenas, visto que Exu é quem recria e inspira nossos olhares e formas de pensar/ver o mundo, novas formas de compreender e narrar a nossa história, a história do Brasil e da própria educação em sua dimensão humanizadora que potencializa o diálogo entre as diferenças e os diferentes sendo ele a unidade que congrega a multiplicidade (NETO, 2019). Esse pensamento vai ao encontro do que pensam outras autoras e autores da nossa área que afirmam que:

Apesar desse mito e do histórico que silencia e invisibiliza a corporeidade negra, alguns autores (Moreira, 2008; Araujo; Molina Neto, 2008; Rodrigues, 2010), baseados nas novas concepções da educação física, apontam que a educação física é um terreno fértil para trabalhar as questões étnico-raciais. E que, enquanto prática corporal, ela pode dar visibilidade ao corpo negro como corpo concebido dentro de uma corporeidade que implica ser reconhecido pela sua diferença (BINS, 2014 p. 44)

<sup>2</sup> Exu é uma divindade das religiões de matriz africana, o orixá que representa o movimento, mensageiro entre humano e divino.

A educação física ao trabalhar a corporeidade, a ludicidade e a cooperação tem uma relação muito estreita com os valores civilizatórios afro-brasileiros e indígenas podendo proporcionar espaços para as sabedorias de frestas que fala Rufino (2019) e para uma reflexão sobre os currículos da disciplina nas escolas.

A inclusão da cultura afro-brasileira nas diferentes etapas da educação básica, de técnicas corporais como o maculelê, a capoeira, o maracatu, o samba, entre outras danças e jogos tradicionais, poderia ser a estratégia adequada para refletir sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros (circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, axé – energia vital e oralidade). Assim, a educação física estaria contribuindo diretamente para a formação dos estudantes e dos professores, favorecendo processos de mudanças na sociedade brasileira (ARAUJO; MOLINA NETO, 2008, p. 211).

Podemos pensar os valores civilizatórios também como uma forma de estruturar nossas aulas, para além de conteúdo, eles serviriam como metodologia para organizarmos nossas práticas. A prática pedagógica através dos valores civilizatórios afro-brasileiros visa mostrar a importância de se trabalhar a diversidade, diversidades que englobam musicalidade, religiosidade, circularidade, corporeidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade, energia vital e oralidade.

Pensar uma Educação Física a partir dos valores civilizatórios, a partir da circularidade, seria pensar uma Educação Física que rompa com esses modelos de currículo presentes nas escolas até os dias de hoje. A circularidade “nos revela uma outra perspectiva de pensamento, outros modos de ensinar aprender e de pesquisar” (NETO, 2019, p.9). Buscando essa circularidade através do que o autor denomina pedagogia exúlica podemos talvez construir encruzilhadas para uma virada epistemológica na nossa área. A pedagogia exúlica é,

em síntese, uma pedagogia que busque, em sua construção, valorizar aspectos fundamentais da cultura e história dos povos afro-pindorâmicos como a ancestralidade, a corporeidade, a oralidade, a circularidade, a relação íntima entre humano-natureza, a arte, além de prezar pela presença alteritária do outro, convivendo com as diferenças. Uma pedagogia que busca romper com a lógica cartesiana e individualista do ocidente, que se volte para o coletivo, para o exercício democrático e pela emancipação e autonomia dos sujeitos (NETO, 2019, P.10).

A corporeidade, objeto de estudo e de trabalho da área da Educação Física, é um dos princípios que orientam a pedagogia exúlica, que preza pelo movimento e pela expressão do corpo. Exu é movimento, é a dança ancestral, que resiste e recria sua existência. De acordo com Simas e Rufino (2019, p. 13) o “trauma colonial permanece nos ataques aos corpos marcados pelos traços da diferença, na edificação de um modelo de razão monológica e de um modo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento”. Trazer uma pedagogia de Exu para dentro das escolas, para a disciplina de educação física é uma tentativa de curar esse trauma e restabelecer os corpos como comunicação, como espaço de trânsito e movimento de resistência.

Exu representa ainda a libertação dos corpos e dos movimentos espontâneos, do ritmo e o florescimento de uma epistemologia (e pedagogia) decolonial, plural, multicolor e antirracista. Ao associarmos Exu com a possibilidade de recriar uma outra pedagogia, que resiste às amarras coloniais, repensamos também os sentidos políticos, práticos, ideológicos ou pragmáticos dados para a profissão da pedagoga e do pedagogo. (NETO, 2019, p.25).

Pensar a Educação Física sob a luz da pedagogia exúlica é repensar e recriar a educação física com um olhar para esse corpo múltiplo, com o foco no protagonismo desses corpos e as potências de seus saberes. É incorporar no dia a dia das aulas nas escolas, a cultura, os movimentos e saberes das alunas e alunos e suas comunidades superando a noção de corpo-objeto que devido ao carrego colonial é visto apenas como força para o trabalho criando assim a compreensão do corpo-sujeito, entendendo que esses corpos são potências que dialogam com o mundo, posto que o “corpo é o próprio mundo” (LIMA, 2015). Pois esses corpos carregam em si saberes ancestrais. “A ancestralidade passa a ser um modo de inserção no tecido social, também pela linguagem, permitindo o acesso a diferentes modos de conceber e olhar para o mundo, para si e para o outro” (NETO, 2019, p. 20). Construindo dessa maneira relações comunitárias e conscientes nas aulas de educação física. Compreendendo que apesar dos espaços educacionais apresentarem padrões culturais dominantes, este, também, sob a ótica de olhares descolonizados, se apresenta como um espaço de criação intersubjetiva reconhecendo o outro sua cultura e seus valores de forma digna, o que dentro da filosofia africana Castiano (2010, p. 190) vai denominar intersubjetivação que passa

[...] necessariamente pela criação de valores e atitudes que levam ao reconhecimento do outro como interlocutor válido, como um sujeito com

dignidade e conhecimento. Há intersubjetivação quando o *Eu* reconhece o *Outro* e está pré disposto a escutar, a argumentar com este outro.

Entendemos que no caminho de construção das encruzilhadas no campo da Educação Física muitas possibilidades são semeadas. Quando o professor e a escola se abrem para reconhecer os outros, escutar e dialogar com esses outros começam a criar a possibilidade de construção de encruzilhadas e de um giro epistemológico que lhe permita enxergar a educação física a partir da pedagogia exúlica, a partir de outras lógicas de formas de se aprender, de saber e de ser e estar no mundo e colocar em prática uma educação física voltada para as questões étnico raciais e uma educação antirracista, que torna esse giro também político.

Assim, a necessidade de repensar o referencial hegemônico de tempo e espaço que tradicionalmente orienta as leituras sobre o mundo social e suas práticas como é o caso das aulas de Educação Física e a estrutura escolar e acadêmica, é tarefa fundamental ampliar o entendimento sobre territórios, culturas, vivências muitas vezes desconsideradas ou mesmo anuladas como expressões do ser, estar e se relacionar no/com o mundo e nos situar a partir do nosso universo, realidade e desta maneira pensar em transformações concretas, inserindo motricidades não brancas em nossas aulas e contribuindo para uma educação humanizadora, gerando um sistema de ensino e aprendizagem pluriversal e emancipado, exercitando outras formas de fazer, sentir, pensar.

## PHYSICAL EDUCATION FOR RACIAL ETHNIC RELATIONS - CROSSROADS

### ABSTRACT

*This paper presents a reflection about physical education in the face of the challenge of an epistemological turn in the area. From a critical review of the Eurocentric history of physical education, we reflected on its potential to break with this history and work on racial ethnic issues and anti-racist education. The text proposes an approximation with the exulic pedagogy so that in the ways of the crossroads it provides the creation of possibilities to rethink physical education.*

**KEYWORDS:** *physical education 1; exulic pedagogy 2; Epistemological gyre 3*

## EDUCACIÓN FÍSICA Y EDUCACIÓN PARA LAS RELACIONES ÉTNICAS RACIALES: EN LOS CAMINOS DE LA ENCRUCIJADA

### RESUMEN

*Este texto es una reflexión sobre la educación física ante el desafío de un giro epistemológico. Basados en una revisión crítica de la historia eurocéntrica del área de conocimiento de la educación física, reflexionamos sobre su potencial para romper con esta historia y trabajar en temas étnicos raciales y educación antirracista. El texto propone una aproximación a la pedagogía exúlica para que, en los caminos de la encrucijada, brinde la creación de posibilidades para repensar la educación física.*

**PALABRAS CLAVES:** educación física 1; pedagogía exúlica 2; turno epistemológico 3.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. Lopes de; MOLINA NETO, V. “Essanegrão!” a prática político-pedagógica de uma professora negra em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008.

BINS, G. N. **Mojuodara: a educação física e as relações étnico-raciais na rede municipal de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade de Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

CASTIANO, J. P. **Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjetivação**. Maputo. Editora, Ndjira, 2010.

GONÇALVES JUNIOR, L. **Cultura corporal: alguns subsídios para sua compreensão**. São Carlos. EDUFSCAR, 2003. 39p.

LIMA, F. Corpo e Ancestralidade. **Repertório**, Salvador, nº 24, p.19-32, 2015.

MATTOS, I. G. de. **A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Salvador, 2007.

NETO, J. A. dos R. A Pedagogia de Exu: Educar para Resistir e (R)Existir. **Revista Calundu** - Vol. 3, N.2, Jul-Dez 2019.

RUFINO, L. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no Tempo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.